

Aluísio de Almeida (*)

Tobias, primo dos Aires
A vida militar de Tobias
Iniciação política de Tobias
A Contra-Revolução
Caxias e a Revolução de Rafael Tobias de Aguiar
17 de maio de 1842 e a Revolução Liberal
Vésperas da Revolução
Finanças da Revolução Liberal

(**)

(*) Aluísio de Almeida - pseudônimo utilizado pelo insigne sacerdote Mons. Luiz Castanho de Almeida, historiador, fundador e Presidente Perpétuo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

(**) Porphirio Rogich Vieira - sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e colunista do jornal "Cruzeiro do Sul" - arquivou em seu acervo pessoal estes artigos, publicados pela primeira vez em 1942 e os fez reeditar em 1992 através do jornal supra mencionado.

Tobias, primo dos Aires

O Cel. Paulino Aires de Aguirre, recém-casado, tomou parte nas mortíferas expedições do Iguatemi, "Cemitério de paulistas" que no sul do Mato Grosso o Morgado de Mateus fundou em 1762.

Era um homem de valor, em que brilharam todas as qualidades da raça brasileira. A descida do Tietê e Paraná, subida do Avinheima em canoas, a chegada numa solidão terrível, a falta de víveres, a febre maligna, tudo isso fazia daquelas viagens um precatório a que não fugiu o homem de São Sebastião.

Fechado aquele capítulo da nossa história dolorosa, continuou Paulino Aires a viajar, porém, agora com tropas e boiadas, nos campos do Sul. Sucedeu ao sogro no cargo de Administrador do Registro de Animais e residiu num grande solar à rua das Flores, onde descansava das viagens a suas fazendas e negócios. Foi também homem de confiança do Governo.

Faleceu antes do sogro, em 6 de junho de 1798, e jaz também na Igreja de Santa Clara. Traz o seu testamento os sentimentos de homem profundamente piedoso. Entre outras disposições, a fazenda de Bacaetava ficaria reservada para patrimônio canônico do primeiro filho que se ordenasse. Com efeito veio ordenar-se Manuel Paulino Aires, que foi o primeiro pároco de Tietê, morrendo como capelão de Santa Clara em 1854. É o tio padre materno de Tobias.

De D. Ana Maria, sua primeira mulher, teve Paulino Aires 9 filhos: 3 da segunda, Maria de Nazaré de Lima Abreu. O primeiro, Américo Antônio Aires, casado em 1797 em Itapetininga com Francisca do Amaral Gurgel, residiu na casa paterna, era em 1815 negociante em fazendas secas, capitalista, fazendeiro; várias vezes Juiz Presidente da Câmara. Era altivo. Mais de uma vez seus colegas de vereança mandavam chamá-lo para a sessão: ele mandava dizer que não ia. Tendo grande terreno junto à vila, foi mister o povo, chefiado por João Carlos da Silva Telles, fazer uma reunião a toque do sino na Câmara, para permitir em 1824 a abertura da rua 7 de

Setembro, uma das primeiras com que em todo o Brasil se homenageou a data máxima nacional.

Faleceu em 1839, com apenas dois filhos, Américo e Elias. Herdeiro do caráter severo do pai, temerário até o excesso, Ameriquinho, como era chamado em família, foi assassinado por capangas de um fazendeiro em Botucatu, no passo do rio Guareí, sua fazenda, em 20 de agosto de 1842. O cruel inimigo aproveitara a ocasião em que, exausto de um ano de esconderijo, pois era presidente da Câmara Liberal de Itapetininga, Ameriquinho voltava para suas terras, sem um protetor que vingasse o homicídio. Foi uma vítima da Revolução de Tobias. Coração boníssimo legou grande fazenda, outrora dos Jesuítas e onde ainda se viam restos da capela velha e cemitério, aos pretos seus escravos. Os quais, muitos anos depois, seriam expulsos a mão armada, queimados os seus ranchos e inflamados os seus corpos.

Elias foi mais feliz, doutro lado rio Guareí, demandando com os intrusos mas residindo em Sorocaba. O Governo Provincial pagou-lhe em 1865, 12 contos de réis pelo patrimônio para o município de Guareí. Ele faleceu em Sorocaba, riquíssimo, em 1865, tendo morado num verdadeiro solar a que nem faltou a capela própria com comunicação interna, e dedicada ao Senhor Bom Jesus. Foi também administrador do Registro de Animais: era como um dom de família.

Mas retornemos a Américo Aires para passarmos ao seu irmão imediato, Salvador de Oliveira Aires, que foi capitão-mor de Itapetininga. A picareta derrubou há poucos anos o sobradão do Tio Vadô, como diziam os seus inúmeros colaterais. Dele provieram: o segundo Paulino Aires de Aguirre, que comandou uma coluna revoltosa em 1842; outro Salvador de Oliveira Aires, avô materno de Pinheiro Machado. Seria fastidioso descer e enumerar a grande descendência dos Aires de Itapetininga. Era, porém, necessário uma rápida pincelada para melhor situar-se a personalidade de Tobias. Este costumava chamar quase toda gente de primo. Era mais certo, em se tratando de gente sorocabana. Os que não eram parentes pelo sangue, tornavam-se tais pela afinidade, o compadresco.

Tobias tornou-se um grande chefe, mercê de suas amizades e raízes. De quanto ele amava a sua mãe é prova a anedota transmitida pela tradição: teria levado a boa senhora ao palácio da presidência em São Paulo e tentara introduzi-la nas rodas sociais da paulicéia. D. Gertrudes porém, fumava e fumava no cachimbo. Não tolerava visitas a cuja frente não pudesse tirar as bofaradas... Era tarde, não

podia atar-se a uma sociedade onde as senhoras ainda não pitavam. E voltou para a sua casa de Sorocaba.

Era Rafael Tobias um sentimental. A Condessinha de Iguassu viu-o chorar sem pejo no momento em que se despedia da mãe e da mulher em 1842, antes de lançar-se aos azares da fuga.

Compadre de toda gente, sabia proteger os seus amigos, até fazê-los sócios em seus negócios.

Conheceu José Joaquim Lacerda em sua juventude, chegado de Jundiá a Sorocaba em algumas tropas arreadas. Ambos compreenderam-se: o Lacerda até nisso semelhante a todos, Feijó, Pimenta, Bueno, Amaral Gurgel, Pires da Mota e outros muitos, passou de escrivão da Câmara a Deputado Provincial pela sua inteligência. Mas era tropeiro e sócio de seu rico compadre, para quem ia buscar tropas no Uruguai.

Campolim, afinal de contas, era um ourives, de tantos que em Sorocaba se aproveitavam dos negócios da feira: e privava com Tobias.

As amizades de Rafael Tobias eram sinceras e vendiam as provas mais duras. Dava-se com Feijó desde a mocidade e aceitou-o como verdadeiro mentor da Revolução Liberal, obedecendo-lhe as ordens e impertinências do doente, dando-lhe o gosto ainda que vendo tudo perdido.

Gabriel Rodrigues dos Santos, seu secretário na presidência legal, caiu-lhe na simpatia; é o "Fidus Achates" destoutro "plus Aeneas", acompanhando-o a Sorocaba. Em recompensa aos mais altos postos do partido onde pontificou o Brigadeiro.

Esses e outros exemplos que hão de aparecer no decurso desta revista mostram-nos não haver sido descuidada a formação moral de Rafael Tobias, nos verdes anos do lar abençoado em que viu a luz do mundo.

Sua virtude e caráter de homem cristão sofreram um momento das más línguas do povo: é quando recolheu a concubina imperial justamente na época de sua ruína, que seria total, sem um braço varão que a comprasse das pedradas e afrontas do poviléu.

Se ele amava dona Domitila, por que não haveria de perdoar-lhe excessos passados? E se mais tarde legalizou perante Deus, a sua consciência e a sociedade essa união, a conta do seu muito amor?

Mas se o coração de Rafael Tobias foi bem orientado pelos pais, à luz de exemplos piedosos e tradições honrosas do tio-padre e da

tias-freiras, de uma família cristã, enfim, o cérebro recebeu também influência de outras partes, ainda antes de sair para as aulas de São Paulo. É que sempre a sua casa, a melhor da cidade, passavam hóspedes ilustres, homens do governo ou da ciência, do clero ou das letras, e cujas figuras por certo impressionaram com o seu fulgor a retina admirada da criança.

Daí essa tendência para o grandioso e até romântico que se nota em sua vida. Foi na vila pequenina ainda de Sorocaba e nas quatro paredes de um lar tranqüilo que o menino Rafael Tobias sonhou o seu ridente futuro.

Não tivesse ele os olhos bem abertos para a realidade exterior de um país em efervescência, rumo de novos destinos, não sonhasse ele com a liberdade apregoada por esses individualistas germânicos que se instalaram no Ipanema, não notasse a passagem rutilante de ciência e espírito de um Martim Francisco em 1803, e teríamos somente um Rafael Tobias negociante de animais, com uma vida burguesa, sem traços fortes, no quadro singelo da terra natal.

A Vida Militar de Tobias

Tobias foi reformado com elevação de posto, feito Brigadeiro em 28 de agosto de 1846.

Assim, apenas na vida militar conheceu os fardões vistosos em dia de paradas, e os títulos, na falta de outros mais nobres, que por certo merecia, mas não lhe quis dar o Imperador. Se, pois, infeliz foi no comando da revolução e nem sequer partiu para frente como o Comandante-Geral, preferindo entregar a um militar de primeira linha a direção, é porque deveras não passava de um civil, cujos trajes de gala eram as fardas repletas de dragonas e botões de ouro, com a espada de copos de prata dourada e biqueira de ouro. Deixamos aqui o seu currículo militar, portanto.

As provisões que encontramos das suas patentes não mencionam folha corrida de serviços, são promoções sem motivo a não ser o tempo. Copiamos, pois, uma somente, após cujo estilo julgará o das outras do leitor:

"Patente real de Rafael Tobias de Aguiar do posto de Sargento-Mor graduado do Regimento de Milícias de Sorocaba. D. João, por mercê de Deus, Príncipe Regente de Portugal e Algarves, daquém e dalém mar, em África, senhor de Guiné etc., etc.

...Faço saber que tendo em consideração os merecimentos e mais partes que concorrem na pessoa de Rafael Tobias de Aguiar, Capitão de Granadeiros do Regimento de Milícia da vila de Sorocaba, da Capitania de São Paulo, conformando-me com o parecer do marquês de Alegrete, governador e Capitão-General da dita Capitania, e esperando que em tudo o de que for encarregado me servirá ao meu contentamento, por todos estes respeitos hei por bem promovê-lo como por este o promovo ao posto de Sargento-Mor graduado do mesmo Regimento, o qual posto servirá enquanto eu houver por bem e sem ele não haverá soldo algum de minha Real Fazenda, mas gozará de todas as honras, privilégios, liberdades, isenções e fraquezas que diretamente lhe pertencem.

...Pelo que mande ao senhor Capitão-General de São Paulo que mande dar-lhe a posse deste posto, jurando primeiro cumprir o mesmo cargo, o deixe servir e exercitar, e o Coronel e oficiais maiores deste regimento o tenham e o conheçam por tal, e os oficiais e soldados subordinados lhe obedeçam e guardem suas ordens em tudo o que toca ao meu Real Serviço como devem e são obrigados. Em firmeza do que lhe mandei passar esta carta por mim assinada e selada com o selo grande das minhas Armas.

Dada na cidade do Rio de Janeiro aos 29 dias do mês de julho do ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1814.

O Príncipe – 3 de dezembro de 1813 etc., (vários registros e firmas). Assinada em 3 de dezembro, a patente foi expedida em julho”.

A casa em que Rafael Tobias nasceu e cresceu ficava à esquerda de quem desce para a Ponte, já a meio caminho. Não era esquina, mas onde hoje é rua e parte da praça havia um terreno com portão, onde mais tarde se construiu uma casa para o jogo de bola. Exatamente aí estão colocados os dois caminhõezinhos de 1842, os quais também ali estiveram apontados para as forças de Caxias.

Nos seus jogos infantis, a criança brincava nos mesmos lugares em que mais tarde iria brincar com o fogo.

Em 17 de agosto de 1841 o Exmo. Presidente da Província oferecia esse terreno à Câmara de sua terra, com a condição de ficar sempre como uma praça. Só bem mais tarde, em 1856, é que a Câmara sorocabana arrumou o local, surgindo a esquina do Capitão Chico. Era uma casa grande, térrea, porta principal entre quatro janelas, grande corredor franqueado de salas de visita até a de jantar, em seguida, dando para esta e também em continuação, os dormitórios, cujos números não se sabe pelas mudanças havidas.

Iniciação Política de Tobias

Rafael Tobias esteve no Rio de Janeiro em 1817, a negócios, como ia todos os anos. Seu pai tinha por sócio e correspondente na Corte a João Rodrigues Pereira de Almeida, ao depois Barão de Ubá, Antônio Francisco menciona esse correspondente em carta ao governador paulista, e no inventário aparece esta sociedade como a causa principal da demora da avaliação.

Os fluminenses que vinham buscar tropas em Sorocaba comprometiam-se a pagar os impostos, após vendidas, ao comissário de Aguiar na Corte, ficando responsável em Sorocaba e na escrituração o administrador. Além disso, negociavam tropas em sociedade por meio de terceiros.

Antônio Francisco tinha também em Sorocaba, no pátio das Tropas "Casa com mirante e armazém", onde negociava gêneros trazidos do Rio.

Morto ele, o filho Rafael Tobias continuou a mesma sociedade. E assim o Barão de Ubá é mais um titular do Império em cujas armas podiam figurar alusões ao grande comércio de animais no Sul. Um tropeiro da Corte, enfim.

Hóspede de seu sócio, foi Tobias apresentado a Saint-Hilaire, a quem teria ocasião de tão bem tratar em Sorocaba.

Vê-se que Tobias freqüentava o Rio, onde se centralizavam os negócios de todo o Sul. São Paulo era tão pequenina. Estava tratando, a velha Piratininga, de vencer Sorocaba que, sem ser cidade, em 1766, era a primeira vila da capitania.

Saint-Hilaire notou certamente argúcia e inteligência no jovem amigo. E até provavelmente que falassem francês. Não admiraria na Europa, de o saber Presidente da Província, em 1831. Que diferente o juízo do "jornalzinho" "O Cometa", do Rio, em 1831! Trouxe esta bobagem: "O Sr. Tobias não tem merecimento algum, nem qualidade para governar povos, ele apenas saberá ler e assinar o próprio nome".

Evaristo da Veiga em pessoa saiu a campo para defender o caluniado. "O Sr. Rafael Tobias, conhecido desde tempos pela firmeza e honradez do seu caráter é um dos mais abastados capitalistas da Província de São Paulo; recebeu na sua mocidade educação cultivada, freqüentando com louvor os chamados estudos preparatórios, únicos que então se podia obter no país. Verdade é

que não foi a Coimbra e, faltando-lhe diploma de bacharel em leis, aos olhos idiotas, não pode ser homem instruído, título que só compete aos formados. Sem dúvida nesse sentido é que o "Cometa" o dá como pessoa que apenas saberá ler e assinar o nome".

Foi no ano de 1821 que o nome de Tobias começou a aparecer fora da vila natal, nas primeiras eleições que houve no Brasil, segundo os novos métodos de reino constitucional.

Tratava-se de eleger deputados pela Província de São Paulo às Cortes Portuguesas. O mecanismo complicava-se. Em cada vila elegiam-se os seus representantes para a sede da Comarca (Itu, para Sorocaba). Em cada comarca, por sua vez escolhiam seus representantes para a Capital, de onde, em último sufrágio, saíam os deputados.

Rafael Tobias tinha mesmo que representar Sorocaba, em Itu, não se duvidava. Eram 41 eleitores paroquiais reunidos em Itu a 17 de maio de 1821, intimando o Ouvidor Medeiros Gomes a deferir-lhes o juramento de fidelidade à futura constituição portuguesa, contando-se entre eles, Vergueiro, Paula Souza e Feijó. Com esses três e mais Antônio Pais de Barros e José de Almeida Leme foi Tobias feito eleitor da Comarca para, em último grau, elegerem-se em São Paulo os deputados da Corte Portuguesa.

Aqui parou a ascensão rápida de Tobias. Pensamos que não desejou sair do Brasil, nem mesmo de Sorocaba, por se achar à testa dos negócios no lar paterno e com um complicado inventário.

A Contra Revolução

Às 10 horas da manhã do dia 17 de maio de 1842 era Rafael Tobias aclamado Presidente da Província em Sorocaba pela Câmara, tropa e povo, iniciando o mais trágico trecho de sua vida.

Na mesma hora, no Palácio da cidade do Rio, a Monte Alegre se oficiava: "Foram presentes a S.M. O Imperador, os ofícios de V.Excia., de 13 e 14 do corrente recebidos hoje pelas quatro horas da tarde, participando que a cidade de Sorocaba arrebentara uma sedição na noite de 12 do corrente e que era de receiar que esse movimento sedicioso aparecesse em algumas partes da Província e pedindo que se remetesse com urgência toda força disponível.

Em resposta cumpre-se comunicar a V.Excia., de ordem do

mesmo augusto Senhor, que hoje pelas 6 horas da manhã acaba de embarcar para Santos o batalhão nº 12 com 600 a 700 praças de gente bem disciplinada em 4 barcas de vapor que saíram imediatamente, devendo chegar àquela cidade no dia 18 levando do comando da Força ordens positivas para marchar sem demora para essa cidade pela serra do Cubatão, se ela se achar ainda desimpedida de forças sedicionais, e no caso de não poderem subir a serra deverão desembarcar no porto de São Sebastião e de lá seguirão para essa cidade.

Vai por ora comandando a força o Ten.-Cel. Francisco José Silva, comandante do batalhão nº 12, mas amanhã sairá daqui um comandante das armas dessa Província, a fim de se organizar os corpos da Guarda Nacional por forma que possa coadjuvar a tropa de 1ª linha.

Imediatamente vai marchar por terra hoje mesmo em direção ao norte dessa Província para formar outra coluna, e por São Sebastião partirá amanhã outra força de 200 homens do batalhão do 2º de artilharia. Quanto ao armamento e munição, a barca para São Sebastião sairá no dia 18.

Fica cortada por mar e por terra toda comunicação com essa Província, enquanto os revoltosos não depuserem as armas. S. M. espera que as referidas providências sejam mais que suficientes para abafar a sedição, mas se as coisas tomarem caráter mais sério, irá tomar o comando das armas o Barão de Caxias e a Província será declarada em Estado de guerra.

Palácio, 17 de maio de 1842, às 10 horas da manhã

José Clemente Pereira"

No mesmo dia 17 o Barão de Monte Alegre oficiava ao comandante de Santos que esperasse "um batalhão de linha o qual certamente chegaria a essa cidade de Santos qualquer dia destes". O alferes José Antônio Soares de Campos, morador no Rio Grande, ficava incumbido de fornecer comida aos soldados.

No dia 18, no rio Pequeno, o segundo Pedro de Moraes Mesquita estava guardando o caminho com 56 praças.

Estacionada estava já no porto santista uma pequena divisão naval ao mando de João Maria Van Den Kolk.

A 19 já sabia Monte Alegre terem chegado a Santos duas companhias do 12, ao mando do Cel. Francisco José Silva, na barca "Paquete do Sul"; o Cel. Olinto de Carvalho, comandante do porto,

deveria fazê-las subir e "receberá as que forem chegando", dizia-lhe o Presidente.

A 20 estava desembarcado todo o batalhão. A 22 chegou... Caxias em carne e osso!

É que no próprio dia 17, reconsiderando o ato acima mencionado, José Clemente Pereira nomeava o Barão de Caxias comandante do Exército Pacificador da Província de São Paulo. Entre outros trechos, tem esse documento o seguinte: "A comissão que S.M. Imperial acaba de honrar a V.Excia. é de tal natureza que se lhe não podem atualmente prescrever instruções determinadas. O fim é obter que a sedição que acaba de aparecer na Província de São Paulo seja sufocada no seu princípio, antes que tome força. O meio deixa-se à inteligência, discrição e atividade de V.Excia." ...Chegado a 20 com a última companhia, Caxias passou dois dias em Santos, pedindo alojamento para 3.000 homens.

A 25 de maio oficiava ao Barão de Monte Alegre a José Clemente Pereira, pedindo-lhe nomeasse a João da Silva Machado (depois Barão de Antonina) comandante geral de Curitiba. Respondeu-lhe de próprio punho o Ministro da Guerra ser isso impossível por estar lá o Cel. Pimentel, mas "sendo de esperar que ele se preste a auxiliar a coluna do Rio Negro, com a sua valiosa influência naquele lugar".

É certo que após a chegada de Caxias a São Paulo, Antonina partiu para Curitiba. O batalhão catarinense já em 14 de maio esperava na Vila do Príncipe (Lapa). O Governo Central pusera à disposição de Monte Alegre a barca Japiassu, enviando 500 pistolas e espadas e mandara buscar na Bahia 600 homens. Era um "Fervet opus" por mar e por terra. A 31 de maio o batalhão de Fuzileiros se dirigia para as vilas do norte, das quais Morais Rego fora feito Comandante.

De súbito silenciara Monte Alegre, José Clemente Pereira, queixa-se-lhe, não economizasse as barcas de vapor. Nada se sabia de Caxias e no Rio já circulava a proclamação de Tobias.

Em seguida, Monte Alegre manda notícias de São Paulo e José Clemente Pereira lhe envia as do Vale do Paraíba. Em 6 de junho João Nepomuceno Castrioto se achava com os Fuzileiros no Bananal e em Parati se aprontava para subir a serra do Facão e Coronel Manuel Antônio da Silva. Os últimos dias de maio e os primeiros de junho passou-os Caxias em São Paulo numa atividade febril, organizando quartéis e hospitais no Carmo, em

São Bento e em outras partes, mandando levantar a planta da região da ponte em Pinheiros, onde, enfim, acampou com as suas forças em frente da própria Coluna Libertadora.

Os liberais, louquinhos, nem tomaram conta da Serra do Mar para evitar a subida das forças, nem impediram que estas se reunissem com todo o seu vagar.

Era uma comédia ou uma revolução, a deles?

Caxias e a revolução de Rafael Tobias de Aguiar

Luiz Alves de Lima e Silva acabava de revelar-se em toda a sua maturidade na presidência do Maranhão, como general-diplomata, adrede criado pela Providência para pacificar e unir a grande pátria, atribulada pelas dissensões internas que encheram a época da Regência e, acabando em 1842, tiveram ainda um eco distante em Pernambuco em 1848.

A Revolução Liberal que rompera em Sorocaba com a proclamação de um presidente interino da província, presidente intruso – diziam os conservadores, na manhã de 17 de maio de 1842, foi apenas a manifestação violenta das idéias que trouxeram divididos os espíritos brasileiros durante a Monarquia, uma a extremar-se tanto a ponto de acabar na federação republicana, outra a colher as rédeas por definição, quando não às soltas, por conveniência própria.

Eram incalculáveis os males do recurso das armas. Só pelas armas podiam ser impedidos ou minorados. Mas um puro estrategista ou um ignorantão de sentimentos vingativos aumentariam as feridas sangrentas a pedir cicatrizes.

Caxias, o título do nobre soldado que tão bem encarnou a brasileira magnanimidade, significava a pacificação, antes de tudo.

José Clemente Pereira descobriu e aproveitou essa vocação de Lima e Silva. E incitou-lha. Pois ao investi-lo no comando do Exército pacificador de São Paulo, dá-lhe carta branca, como quem só dele fiasse a salvação do princípio de ordem. Ao transferi-lo para Minas elogia-lhe os feitos em São Paulo e acena-lhe para outra comissão ainda mais difícil, a pacificação da família gaúcha.

Mais. Preparou de antemão o vencedor de São Paulo e Minas, fazendo-o comandante das armas da Corte, com o que desanimou os revoltosos fluminenses, e justamente ao tempo em que

aumentavam os indícios do rompimento em São Paulo e Minas.

Como se dissera aos liberais: "Fazei a vossa revolução, mas vede bem, ides haver-vos com Caxias".

Os papéis inéditos que examinamos no Arquivo de São Paulo, cartas do Ministério da Guerra ao Barão de Monte-Alegre, Presidente da Província, traduzidas em linguagem mais chã se resume nisso: se for possível economizar esta revolução tão prometida, melhor; se arrebentarem motins, mandaremos soldados por mar e por terra; mas, se a rebelião for mesmo séria, aqui teremos o General à espera, prestes a partir.

As primeiras providências consistiram em mandar as forças do batalhão nº 12 sob o comando de um oficial, com a promessa declarada de ser nomeada quanto antes pessoa da maior responsabilidade e que Monte-Alegre muito bem sabia quem era.

Algumas horas de indecisão podem explicar-se, em parte, pelas conversações entre o Ministério e o Soldado, em que se expunham as condições com lealdade, e, muito mais, pela expectativa dos acontecimentos em Minas.

Em certeza do rompimento em Sorocaba, a 17 de maio, possibilitou medidas concomitantes. Às 10 horas da manhã desse dia era assinado em São Cristóvão o decreto da nomeação de Caxias, e na mesma hora a Câmara e o povo de Sorocaba nomeavam o seu ilustre chefe, Cel.-Brig. Tobias de Aguiar, presidente... Íamos dizer legal da Província, uma vez que os revoltosos faziam questão de pôr ordem na desordem.

Era uma revolução branca. Desejavam a queda do Ministério somente e acabavam suas inúmeras proclamações dando vias ao Imperador e à Religião.

Tobias não era caudilho. Homem de alta sociedade, simpático para não dizer bonito, inteligentíssimo, aluno do primeiro Martim Francisco, na opinião de seus contemporâneos alcançou o apelido de "Reizinho", sem ironia nenhuma, a significar o seu prestígio inegável.

Maiores eram ainda os seus dotes de coração, que o levaram a assumir as responsabilidades, por salvar os amigos e cumprir a palavra empenhada numa revolta que sabia fadada à ruína e numa atitude de todo em todo contrária ao seu caráter. Coronel, então, e bem mais tarde Brigadeiro, Rafael Tobias era-o de segunda linha somente, para as solenidades dos fardamentos de gala, nada mais.

Numa transição violenta com todo o seu passado de ordem, foi

reunir-se, em Sorocaba, o ex-regente Diogo Antônio Feijó. Envolvido estava também nos acontecimentos outro senador de nome tão grande nos fastos da Independência, Vergueiro. Enfim, do outro colega da Câmara alta, Paula Souza, manso e pacífico, estavam correndo boatos de adesão à causa revolucionária.

Tudo isso complicava a missão de Caxias e veio aumentar-lhe a glória. Tinha de travar combate, não com caudilhos em correrias pelos campos do Sul, mas com homens da lei não sei por que momentânea loucura à frente de batalhões da Guarda Nacional, fardados ainda pelos velhos figurinos coloniais e armados com uma coleção de antigüidades dignas de honrar um vasto museu.

Se alguém quiser dizer só uma palavra para simbolizar o material bélico da rebelião de 42 pode fazê-lo: a lazarina, espingarda de fabricação portuguesa cano comprido, e de pederneira, mas de muito bom tiro. Sim, no coche da chamada "Coluna Libertadora" eram arrastados três canhõezinhos de calibre 3, fundidos pelo Maj. Bloem na Fábrica de Ferro do Ipanema e dali arrebatados para assustar os tímidos.

A "Coluna Libertadora" não chegou a contar mil homens das mais disparatadas origens e condições. Partira de Sorocaba para São Paulo com o fim de "Libertar a Província do Procônsul Baiano que a Desgovernava".

A 24 de maio acampava ela nas alturas do Jaguaré a duas léguas da Capital.

Meu Deus! Quem é que já lá estava, embaixo, na várzea do Pinheiros, junto à ponte?

Caxias em pessoa com algumas centenas de soldados do 12º na maioria nordestinos e maranhenses; que resistiram ao frio paulistano e para os quais ele exigira quinhentas mantas.

E o general estava na defensiva, preparando a ofensiva. Nunca passou de setecentos homens o batalhão incompleto de recrutas bisonhos. Chegou depois a reunir 2.900 homens em todo São Paulo. Mas foi com esses setecentos que estavam aprendendo a atirar, que ele desbaratou a principal coluna revoltosa, que recusou combate, retirando-se sempre até Sorocaba.

Não vai nisso nem desdouro para aqueles caipiras sul-paulistas improvisados em ferrabrases às ordens de doutores e coronéis da Guarda Nacional, nem diminuição da glória de Caxias, por uma vitória relativamente fácil.

Sabendo, pois, garantida a retaguarda e livre de surpresas a Capital, quietas as vilas do Vale do Paraíba, temerosas das forças legais que vinham da Corte e das que ele, Caxias, fizera subir do litoral antes de chegar com o sanguinolento desastre da Venda Grande, ordena o Pacificador a marcha para Sorocaba, capital revoltosa a 13 de julho.

Vai nas pegadas dos retirantes, Ah! Se tivesse uma boa cavahada obrigá-los-ia a combate. Talvez agradeceu aos céus não haver derramado sangue fraterno e humilde.

A retirada da "Coluna Libertadora" não é outra cena de que se devam os paulistas envergonhar.

Basta se fazer história com anedotas de origem duvidosa, que só das coisas aceitam o cômico, desprezando a tragédia.

Tragédia, houve-a.

Nela desempenhou papel brilhante o paulista de velha estirpe, Maj. Galvão de Barros França, comandante das forças em retirada. Era soldado de primeira linha, residente em Itu com licença do Presidente Monte-Alegre; por motivo de saúde. Homem leal a seus princípios, honrado com uma carta de Caxias, em que este o chama de amigo, para entregar-se sem combate, prefere retirada, quando viu tudo perdido.

Com precisão matemática, os rebeldes estão sempre um pouco adiantados dos legais. Em 20 de junho, Caxias ocupa Sorocaba e Galvão está em Campo Largo. Daí é ele agora quem escreve a Caxias, comunicando-lhe que dissolveu, enfim, o seu acampamento, e pedindo-lhe proteção, não para si, mas para os liberais desamparados, possíveis vítimas dos inimigos políticos.

Repetimos. Se a única retirada que houve na Revolução de São Paulo se processou em relativa ordem, inspirada em nobres motivos e sob as ordens de um brioso militar, e se, nos dois únicos combates de maior importância, da Venda Grande e de Silveiras, os paulistas souberam dar o seu sangue generoso pelo que reputavam dever patriótico, não há motivos para ridicularizar vencidos, diminuindo o valor dos vencedores.

Há cem anos de distância, a história passa uma esponja sobre as fraquezas dos comparsas, e, sob o lema da pacificação, vencedores e vencidos, liberais e conservadores, Caxias e Feijó, Monte Alegre e Tobias, emergem nimbados dessa luz que alumia de gerações porvindouras, o caminho certo.

A figura de Caxias, naturalmente, se ergue acima das outras porque há sempre nas cadeias de montanhas, picos altaneiros.

É que o homem assim não sufoca os outros com a sua grandeza. A Pátria somos todos nós e nossas pequeninas causas aqui na planície.

Se Caxias teve sorte, costumavam dissertar, teve-a melhor a Providência que o favoreceu mais que a outros. Aliás, não era indigno de tais obséquios quem foi acima de tudo um soldado cristão, servidor do Deus dos Exércitos.

Em 1842 foi perseguido da Fortuna.

Se a revolta rompesse ao mesmo tempo, como fora planejada, em São Paulo, Minas, Rio, Pernambuco e Ceará, por onde começaria a pacificação?

A 19 de maio, sai barra a fora para Santos, desembarca do "Todos os Santos" a 21, de manhã, encontra livre a serra e vai anoitecer em São Paulo. Aí os rebeldes o esperam, dão-lhe tempo de organizar forças.

As vilas do Paraíba, como que de propósito não se revelam imediatamente. Ele pôde escolher atacar Campinas ou Sorocaba. Escolhe Sorocaba. Escolhe esta porque daquela já não havia mais o que temer, após o feito da Venda Grande. E a entrada vitoriosa na Capital rebelde, fato logo transmitido a todos os pontos do país, vai aumentando-lhe o prestígio. Quando chega ao Vale do Paraíba, é uma viagem triunfal a que ele faz, porque seus bons oficiais já haviam vencido.

Minas esperou também como que da indústria que ele se desembaraçasse dos paulistas para se revoltar. Poderá proclamar que quatro colunas, duas por São Paulo e duas pelo Rio, invadem a Província revoltada. Em Santa Luzia, a 20 de agosto, um momento empalidece a sua estrela. Aquilo sim, é combate, aceito e não iniciado por ele. Ao longe, o seu irmão José Joaquim de Lima e Silva, cola o ouvido à terra e ouve o troar dos canhões. Acode a toda pressa. Misturado com os soldados, no meio do perigo, animando com palavras e com o exemplo, empenha-se Caxias no ataque final a baionetas aos três mil revoltosos. E não houve Waterloo para o nosso Napoleão. Era esse o homem com "H" maiúsculo, que às 10 horas da manhã de 20 de junho de 1842 transpôs a galope a ponte do rio Sorocaba, à frente de sua tropa, desembocando num largo triangular sem árvores e esburacado, em subida para a parte central da cidade.

Emudecidos, estavam ali três canhões de calibre 3. Caxias aproximou-se. Leu a inscrição: "D. Pedro II, 23 de julho de 1841, Maj. Bloem, Ipanema".

À frente, duas casas grandes, de quintais comunicantes; uma, a de D. Gertrudes, a mãe de Tobias; outra, a do sócio deste, José Joaquim de Lacerda, com frente para o Pátio dos Lopes. Ambas acachapadas e feias, enormes, ainda existem.

Na derradeira, fora o Palácio do governo revoltoso.

Aí se instalou e daí uma proclamação aos povos. Ambrosia dos Deuses, aquartelou-se nos cômodos do vencido da véspera...

Estudos minuciosos que há bem cinco anos vimos fazendo após uma rápida orientação de Vilhena de Moraes em seu livro "Caxias – em São Paulo", levaram-nos a confirmar a verdade sustentada pelo ilustre biógrafo de Caxias: não, o grande soldado não se transformou em beleguim, para prender pessoalmente Feijó, parálitico carregado em cadeira de rodas até o quartel general. Também, quanta coragem no velho padre-senador. Após haver inutilmente trocado com Caxias as cartas que a anedota transformou em diálogo, esperando-o a pé e quedo.

E quereis saber mais?

Na mesma casa "Palácio", onde se hospedara "junto com o presidente", como disse no Senado em 1843, Caxias encontrou-o, pois, na sala de visitas do tal Palácio pelas 11 horas do dia 20 de junho.

Aqui nos faz falta o patético, para melhor descrever-se esse encontro do ex-Regente.

Agora sim, eles conversaram, como era natural, em poucos minutos e traçaram comentários sobre a situação de ambos em comparação com o tempo de Feijó, ministro da Justiça, e Lima e Silva, comandante dos permanentes.

O cronista e a tradição que consultamos assinalaram o primeiro encontro de Caxias e Feijó com uns velhos quadros, defronte dos quais, após haverem feito anunciar com toda a delicadeza, estava o General em pé, quando chegou, arrastando-se o Senador Feijó.

Sorocaba é uma cidade velha e apesar de extremamente industriosa e por isso movimentada, conservou alguma coisa de seu passado. Causa curiosa. Transformada em Fábrica de Chapéus em 1852, conservou-se aquela casa antiga até hoje. Mudaram-se-lhe o dono. Mas a sala de visitas e os quadros lá ficaram cem anos. São

singelas litografias das batalhas de Napoleão e pertenceram ao pai de Tobias, falecido em 1819.

Rafael Tobias cresceu olhando para essas velhas figuras, e como Napoleão e seus gestos eram o que havia de grandioso para aquela geração, e bem de ver o Corso influiu na formação do caráter, naturalmente amador das pompas mundanas e nascido para mandar.

Mas voltemos a Feijó. Pelo resto do dia começaram a encher-se os cômodos do Palácio de oficiais e subalternos. Não ficava bem a presença de ambos, vencedor e vencido, sob o mesmo teto.

Então Feijó, que era revoltoso custodiado, foi levado ao hospital, grande prédio ainda não usado como tal, pertencente à Câmara e que também servira de quartel-general dos rebeldes.

Provavelmente ficou no mesmo quarto, mobiliado e com portas de vidro, usado pelo Juiz de Direito de Itu em visita a Sorocaba. Faltou-lhe um travesseiro adaptado aos seus cômodos, mandou-o buscar por um bilhete que ainda existe, à casa do amigo e parente Alferes Nepomuceno, onde dormiu algumas noites. É essa a lenda da esteira e do travesseiro.

Que fez Caxias em Sorocaba?

Descansou, primeiramente. Conversou com José de Almeida Leme, chefe conservador e homem inteligente. Escreveu cartas, muitas cartas. Apreendeu restos de armamentos.

Mandou pagar 4 contos de réis ao comandante de Tatuí, Cap. Fiuza, dissolvendo-lhe os soldados sem batismo de fogo.

Recrutou e fez recrutar gente para vencer Minas.

Tratou cortesmente e como fino cavalheiro com a Marquesa de Santos, refugiada entre as freiras de Santa Clara.

Mas mandou oitenta soldados, às ordens do capitão Butia, bater às matas de Itapetininga e Juquiá, onde havia grupos de revoltosos.

Fez procurar Tobias em sua fazenda de Paranaquitanga, para onde fugira vestido de tropeiro.

Prometeu um conto de réis e isenção de recrutamento a quem indicasse a seus soldados o esconderijo do Major Galvão. Cumpria um dever, aprisionado, sem dó, os "cabeças". E perdoava os iludidos que se apresentassem.

E no dia 25 ou 26 de junho, deixando na cidade um destacamento de soldados, um dos quais, maranhense de origem, faleceu a 20 de agosto e jaz na Matriz, deitou um olhar derradeiro à cidade

onde colhera mais uma coroa, atravessou de novo a ponte de Sorocaba, a caminho de Itu.

Meia légua além, no Alto da Boa Vista, deve ter-se voltado para a cidade iluminada pelo sol matutino. É uma vista inesquecível: à esquerda da serra de São Francisco em anfiteatro, à direita e ao fundo, o majestoso Araçoiaba; entre ambos, campos a perder de vista e, no primeiro plano, subindo das margens do rio que limita os campos e a mata, as casas brancas entre o verde dos pomares.

Esta foi para o Barão de Caxias a última visão de Sorocaba. À frente, longa jornada lhe restava, por uma pátria unida e forte.

17 de maio de 1842 e a Revolução Liberal

Em 1938 escrevíamos o nosso folheto "Sorocaba 1842". Muito achacado de doenças, não esperávamos alcançar o Centenário. Deus Bendito, aqui estamos. Dele tiramos o seguinte:

Logo pela manhã o sino da Cadeia e Câmara, ali no centro da cidade, começou a dar os sinais de rebate. Devia ser uma fresca manhã de maio, um céu muito azul, e aqueles sons desesperados e repetidos não deixaram de causar um certo mal estar, um agouro, um pressentimento de tristeza aos que o ouviam: era uma responsabilidade tremenda para Sorocaba o que eles anunciavam. Certo, o carcereiro e o porteiro da Câmara, o secretário Elias, o orgulhoso capitão da Guarda, Senhor de escravos e o humilde cidadão que assinava de cruz vieram, tirar seu quinhão desse prato saboroso de ineditismo que era chamar os povos à rebelião.

Pelo meio-dia os derradeiros vereadores e oficiais da Câmara atravessaram a multidão que se postou na pequena praça, chamada hoje de Pedro II, e subiram lestos as escadas, retinindo espadas e esporas.

O presidente José Joaquim de Lacerda abriu a sessão mais memorável que nunca houve ou haverá talvez na Câmara de Sorocaba explicando o motivo daquela reunião: que era preciso salvar da ruína o trono do Imperador, livrar o país desses tiranos que a envergonhavam, e apelando para o regionalismo, tirar São Paulo da condição igual ao Ceará e a Paraíba, governados por um procônsul etc.

Em seguida, alguém insinuou a nomeação de um presidente interino da Província e que recaísse a escolha em Tobias.

Os três vereadores nomeados para buscar o coronel desceram a rua da Ponte e bateram palmas à porta de D. Gertrudes Eufrosina de Aguiar.

O coronel apareceu fardado e solene, algo trêmulo e, como quem desempenhava um papel decorado, seguiu a pé a comissão. Devia ir junto o fiel Ataches, que viera da Capital, o Dr. Rodrigues dos Santos, que não podia acabar consigo de crer na realidade da história que lera de revoltas e comoções populares, ou acaso agradecia à Providência por entrar tão moço e de cheio na História Pátria...

Enxugando o suor no rosto com um lenço fino de alcobaça, Rafael Tobias assentou-se entre os vereadores, ouviu o que lhe diziam e aceitou a nomeação de presidente interino da Província. Pôs a destra sobre os Evangelhos e pronunciou em voz clara o juramento de estilo, perante o Sr. Lacerda e à vista de tantas testemunhas.

É do orgulho cegar os seus protegidos: por pequena que fosse, e acanhada em cima da mal cheirosa prisão, a sala da Câmara de sua terra parecia, contudo, a Tobias que estava no Palácio, a assinar a terceira posse a presidente, e que lá em baixo, no Pátio do Colégio, o Corpo de Polícia que ele fundara em 1831 dava as descargas rituais. Abriu os olhos como depois de um sonho: a Guarda Nacional estava salvando a aclamação do presidente da Revolução e os seus tiros de festim, ecoavam estranhamente em mais de um coração de mãe ou de esposa.

Foi quando, emocionado, assomou à sacada e deu em voz alterada os vivas menos extremistas que jamais se ouviram:

Viva a nossa Santa Religião!

Viva Sua Majestade o Imperador!

Viva a Constituição!

Estrugiram palmas, confraternizaram tropa e povo, isto é, os oficiais e soldados da Guarda Nacional com seus companheiros liberais. E foram assinando, um por um mais de trezentos revoltosos, a ata fatídica. Depois, debandaram, pouco a pouco. Os presos, na maioria escravos, arregalavam os olhos, dependurados nas grades para a rua; assistiram a uma festa rara.

Temos em nosso poder, graças à gentileza de um amigo, todos os nomes de sorocabanos que assinaram a ata revolucionária. Seria longo enumerá-los. Não há um sorocabano de família aqui radicada que não se deva interessar por este centenário: seus avós ou foram revoltosos, ou para o não serem, trataram de escapar para os sítios

vizinhos. Gente nobilíssima, digna de todo o louvor!

Em 33 dias de revolta não houve um assassinio, uma vingança qualquer. Foi a ordem local dentro da revolução!

Vésperas da Revolução

Chamou-se Coluna Libertadora a que se organizou em Sorocaba para invadir São Paulo e depor Monte Alegre, com elementos da Guarda Nacional, alguns velhos oficiais de linha reformados, e a arraia miúda.

Compreendia também forças recrutadas em Itapetininga, Itu e freguesias vizinhas, e não atingiu mil pessoas.

Sorocaba estava em agitação permanente desde os meados de abril.

E quereis saber quem para lá seguira para atear o facho da revolta? Um homem da ordem cem por cento. Diogo Antônio Feijó, a quem atraíra a fama do médico dinamarquês Dr. Frederico Borgoff.

Os longos dias de cura e os bons ares da chácara da Boa Vista, do Alferes Nepumoceno, não lograram arrefecer o entusiasmo do padre-senador pelo levante armado, e os serões dos próceres em visita ao paralítico degeneram em conciliábulo.

Quem andava indeciso era Tobias. Caráter afetuoso e pacífico, repugnava-lhe decisões extremas que envolviam perigo de vidas humanas.

E a Marquesa, espírito prático, sempre a repetir-lhe que "o Feijó nada tinha a perder, e ele, tudo". Foi quando o golpe de 1º de maio, dissolvendo a Câmara dos Deputados no início de seus trabalhos, reacendeu a fagulha para um estopim havia tempos preparado na Loja dos Patriarcas Invisíveis. E a excitação prevaleceu nos conselhos liberais. Adiou-se para o dia 11 o início. Nesse domingo o corajoso juiz da fidelíssima comarca esteve firme dentro da cidadela revolucionária: o Dr. Pacheco Jordão nem sequer podia comunicar-se para fora, porque capangas disfarçados em tropeiros e peões guardavam as saídas da cidade, violando-lhe a correspondência. Preso na sua casa de aposentadoria, um grande prédio destinado a hospital, não tinha sequer o consolo de se ver rodeado de chefes conservadores de prestígio, porquanto a começar do Ten.-Cel. José de Almeida Leme, que se partia para a freguesia de Una, todos tinham

largado aquele foco perigoso.

E na noite de domingo para segunda, eis que de sob as suas janelas estrondam tiros de trabuco para tirar-lhe o resto do sossego.

Era o começo de uma sedição. Abortara por falta de um chefe, mas o som do bacamarte ecoou no passo de São Cristóvão como vimos pela carta de Monte Alegre.

José de Almeida Leme, de Una, despachara para São Paulo um próprio a toda pressa, anunciando a Monte Alegre o movimento esperado.

Ódio velho não se cansa. Almeida Leme era o mesmo adversário de sempre e sem ele talvez a história dos liberais houvesse tomado outra direção. Quem deu graças de contemplar do alto da Boa Vista, em marcha para Itu, a cidade acesa em discórdia, foi o juiz. Ao chegar à terra natal e sede da Comarca, descobre as ligações do movimento. Alarmado oficia ao Juiz Municipal de Campinas, e termina a comunicação com um angustioso "post scriptum" pedindo notícias.

Rafael Tobias ainda na Capital, ouve dizer que vão prendê-lo.

Além do mais, o plano de ataque pelo Maj. Francisco de Castro ao Quartel, havia sido frustrado pela mudança de comandante operada por Monte Alegre.

No dia 13 de maio, ainda no escuro, dois cavaleiros silenciosos fechavam após si o portão da chácara do Açú, troteando em seus machos bem arreados, como velhos tropeiros profissionais: eram os fugitivos Tobias e Lacerda. Atravessaram em silêncio a ponte do Pinheiros e foram amanhecer no Pirajussara. Na encruzilhada dos velhos caminhos de tropas, houve ainda uma indecisão. Se tomassem o caminho de Sorocaba haveria além a fazenda do Paranapitanga com os seus esconderijos na face ocidental da Paranapiacaba, e, ainda mais além, o continente de São Pedro do Sul talado pela revolução republicana. Mas... os amigos de Sorocaba não permitiriam a realização desse belo sonho. E se dobrassem à direita para Barueri, Apotribu e Itu, escapavam-se dos amigos. Lá estavam os cunhados de Tobias, o próprio Paula Souza e ainda seria possível escrever a Vergueiro em sua fazenda além Piracicaba, e a Feijó, o mais graduado liberal, na sua chácara de Campinas. O Ministério... Maldito Ministério, podia ainda entrar na conversa...

"Vamos para Itu", deverá ter dito Rafael Tobias ao companheiro. Os romancistas costumam descrever aos seus leitores as qualidades e defeitos de suas personagens, enquanto elas viajam...

Não sei por que não possam imitá-los os biógrafos.

José Joaquim de Lacerda, que já encontramos em Sorocaba em 1825, nasceu em Jundiá em 1799. Era filho de seus próprios esforços, como Feijó. Constituíra família em Sorocaba, onde existem seus honrados descendentes e não podia ser que não enveredasse logo pelo caminho reservado aos homens mais ativos da época: negociar com animais na célebre feira Sorocabana.

Todos os anos seguia para o Rio Grande e Uruguai, donde voltava trazendo suas tropas de muares em grandes pontas. O Cel. Tobias era o capitalista. Entrava com o dinheiro e até com a casa grande, que ficava aos fundos da casa de D. Gertrudes. Mais tarde nem o próprio Lacerda descia até o Rio Grande. Capatazes fiéis desempenhavam o mais penoso do ofício. E desde a mudança do Registro do Rio Negro, cerca de 1830, a vila da Lapa tornou-se como sub-centro de tais negócios, indo os lapeanos aos pampas em lugar dos paulistas.

Era Tobias o tipo acabado do homem do sul que vivia dos muares, como ao depois os fazendeiros paulistas viveram do café. Pois se nem lhe faltavam a estância do Rio Grande, as invernadas em São Paulo, onde se engordavam, e até o negócio de fazendas e outros gêneros que, bem enlatados, despachavam de São Paulo para os amigos do Sul e tropas arreadas.

E no momento em que vamos com ele procurando o vale do Tietê e galgando o divisor das águas deste com a do Sorocaba, Tobias não aparenta mais que um vulgaríssimo tropeiro com as roupas de algodão riscado. Entretanto, ambos os viajantes eram inteligentes, cultos. Lacerda chegara a Presidência da Câmara de Sorocaba e a Deputado Provincial.

Tinha a testa larga, miúdas as feições, os olhos vivos e penetrantes.

Que se terá passado noite a dentro no palacete do futuro Barão de Tatuí? Ao certo se sabe que foi uma carta para Feijó em Campinas, Paula Souza, colega de estudos de Tobias, por carta ou oralmente parece haver deitado água na fervura. O senador era homem tímido por natureza e por ninguém temido. Mandado sair para Santa Catarina, desculpou-se com a doença perante Monte Alegre, provando que viera de rede à Capital, onde se julgava mais seguro, e acompanhara-o a esposa carinhosa. A delicadeza de seus sentimentos que mais tarde se acentuou, fazendo dele a figura simpática entre

tantas no Senado, acabaria movendo o próprio presidente legal. Foi tolerado ficar por ali mesmo, enquanto Feijó e Vergueiro, sucumbidos, singraram as ondas do Atlântico, na rota do Espírito Santo.

Se os ituanos, mesmo liberais, acalentavam sentimentos conservadores, o fato não era geral. Cândido José da Mota, por exemplo, era intransigentemente pela convocação às armas.

Nesses dias e horas de incerteza e temor, os próprios adversários dos liberais em Itu lhes abriram o caminho da revolta. Um a um foram tomando o rumo de seus engenhos de cana, a espreitar de longe o barulho e com o olho nalgum parente ou amigo revoltoso para o caso de uma vitória destes...

Já não eram sessões secretas. Estava tudo público. E o homem principal não se mexia. Minas estava inquieta. Das vilas do Paraíba nada de positivo aparecia.

O ourives Francisco Manuel Campolim morava em Sorocaba à rua da Penha, era filho de tropeiros, andejo por antonomásia, porquanto, lapeano de origem, haviam alguns da família goianos de Vila-Boa.

Pois o Campolim era trêfego. Amigo de Tobias veio a Itu, feito mensageiro dos outros colegas vereadores e chefes como ele, dizer a Rafael Tobias que se apressasse: – que o carro já estava por demais atolado para voltarem atrás. Comprometidos tantos companheiros, seriam presos infalivelmente, se não rompesse a revolta. E o chefe não podia expor os súditos à ruína.

Tobias ainda recalcitrava. A ser verdadeiro o seu depoimento, como parece, ouviu então de Campolim uma coisa inesperada: Se não se decidisse pela revolta, a própria vida corria perigo pela indignação em que ficavam os liberais sorocabanos, sujeitos a futuras perseguições. Estavam já a 16 de maio.

“Então, se é preciso ir, vamos”, concluiu o homem, arrastado pelos acontecimentos e pela lealdade aos amigos. Imediatamente, triste, desanimado, cortava as seis léguas de campo, aberto ao vento sul do inverno, com o ponche fechado ao pescoço, taciturno, mal respondendo às perguntas de Lacerda e Campolim e atrasando a marcha para chegar à noite em Sorocaba.

Uma idéia acariciava-lhe o coração: a de fazer uma derradeira convenção com os amigos e partir incógnito para os matos de Paranapitanga, além Itapetininga.

Às 10 horas da noite, olhos abertos e ansiosa, D. Gertrudes

ouve pequeno reboliço dentro de casa. A escrava de estimação confirma-lhe o que sabia pelo instinto de mãe: de fato, chegara o seu predileto Rafael Tobias. Que entrasse! No quarto mal alumiado, o coronel pediu a bênção à mãe com uma emoção que quase desatou em pranto. A mãe também via longe, era mulher prática como D. Domitila: "Esses homens põem o meu filho a perder"!

Não se dormiu naquela noite. Os trezentos homens da Guarda Nacional já estavam aquartelados, os chefões todos a postos, e a senha correu célebre: para amanhã, às 10 horas.

Pelas 9 horas, pois, de 17 de maio, o sininho da Câmara e Cadeia entrou a bater desabaladamente e em pouco os batalhões ou o que fossem tão estrambólicos era o quadro das velhas fardas e armamentos – saíram dos quartéis para a pequena praça fronteira à Cadeia e toda a gente que havia ficado na cidade saiu para fora das casas a ver no que dava tudo aquilo.

Na pequena sala da Câmara se reuniu a nata do partido: vereadores, juízes, oficiais da Guarda e sacerdotes. Redigiu-se uma ata proclamando Tobias Presidente Provisório de São Paulo e... para que tudo corresse legalmente, uma comissão desceu a rua da Ponte e trouxe o Excelentíssimo para prestar juramento sobre os Evangelhos.

Após a posse, Tobias deitou a conhecida proclamação aos paulistas, a que põe fim com os vivas a religião do Estado e ao Imperante, tão certo é que todo liberal parece um conservador quando autoridade.

Finanças da Revolução Liberal

Apoiavam-se os iniciadores do movimento nos chefes mais ricos, que armavam e equipavam os seus inferiores. Contavam, tanto em Minas e São Paulo como nas outras Províncias, apoderar-se logo do governo das capitais e, pois, da tesouraria. As Câmaras revoltosas eram pobres. Onde passavam as forças, comida e alojamento não faltavam. No mais, alguns tiros para as velhas espingardas de pederneiras... Era o cúmulo da imprevidência.

Na partida da Coluna sorocabana para São Paulo viu-se um espetáculo deprimente de pobres sitiados mal vestidos e mal calçados, servindo-se de todas as espécies de armas ao alcance imediato. As armas de fogo na maioria estavam imprestáveis. Eram

só "pour épater le Bourgeois", numa antecipação das mui patrióticas matracas-metralhadoras de 1932... Só as espadas e lanças ainda serviam para ferir... No meio dessa confusão de infantes e cavaleiros, uma tropa imensa de muares carregados com aves, feijão, toucinho e aquela desconexa coluna provocou os irônicos comentários do jornalismo Abreu Medeiros que lá ia montado num animal de empréstimo com o tiracolo uma garrucha enferrujada...

O Tobias, quando percebeu que Lima e Silva trazia canhões, muito de indústria e "tacente domino", mandou tirar "como por a força" à noite, no Ipanema, os três canhões que o sargento-mor João Bloem fundira em 1841.

Sabendo-se que em Porto Feliz se guardava uma pecinha que servira as monções do Cuiabá, mandou buscá-la; não prestava senão para zombaria.

Mais guerreiros foram os de Silveiras que improvisaram artilharia em taquaras com círculo de aço, numa regressão aos índios dos jesuítas no Uruguay, e havia mais de século e meio!

Os pacíficos mineiros, estes então nada apresentaram em imitação de artilharia no campo rebelde. Ao contrário, o comandante da brigada de Ouro Preto, Manoel de Gusmão, conseguiria do engenheiro Fernando Carfeld a fundição de uma peça que impôs respeito aos senhores liberais.

Essa imprevisão explica-se pelas palavras do cronista e dos chefes após o malogro: todos convieram em afirmar que não tencionavam senão r.a última extremidade adotar o recurso das armas. Era como uma revolução branca, violenta só na linguagem. Para amedrontar o Ministério e fazê-lo renunciar. Os liberais julgavam que com a multidão de proclamações e manifestos e adesões das Câmaras forçariam o Imperador a demitir o Ministério odiado.

Em Sorocaba houve outra circunstância especial: sendo a época das feiras, havia muitos animais pelos campos circunvizinhos e a coletoria era a mais rica do interior, por causa do Registro. Elias Aires do Amaral primo irmão de Tobias, exercia o cargo de administrador do Registro. Havia 17 contos de réis em caixa. Ele recusou-se categoricamente, não só a fardar-se como a entregar o dinheiro ao novo presidente, com o qual e com o diretor da Tesouraria de São Paulo trocou copiosa correspondência, mas enfim, e à força, foi entregando parceladamente o dinheiro. E como ainda a corda torcia pelo lado mais fraco, ele, e não Tobias, é que foi responsável

pelo desfalque. Nesse mesmo grosso processo se vê que o futuro Barão de Tatuí e cunhado de Tobias, Antônio Pais de Barros, residente em Itu, emprestava ao chefe um conto de réis para a coluna que partia de Sorocaba a Campinas.

Em São Paulo o capitalista Gavião Xavier Peixoto, vizinho de Tobias, ajudou nalguma coisa o movimento. Um preto que caminhava com um cargueiro carregado para Sorocaba foi agarrado pelos guardas de Monte Alegre colocados nos Pinheiros, levava três ou quatro espingardas e munição. Apertado pela justiça, declarou que as houvera de Gavião Peixoto, após muitas peripécias, e estavam escondidas dentro de uma casa no quintal de uma venda no campo dos Curros. Por isso, e por ter sido membro da deputação que fora a Corte, o Peixoto foi por bem três vezes, pelo Monte Alegre, mandado retirar-se com urgência para o Rio.

Nos debates parlamentares de janeiro de 1843, pedidas foram informações ao Governo sobre a compra furtiva de munições que teriam ido para os rebeldes de Parati.

No livro de Alberto Rangel sobre a Marquesa de Santos lê-se que uma carta da Condessa de Iguassu, menina, onde se vê que a Marquesa se arrevelava toda ao pensar nos prejuízos materiais do Cel. Tobias com a revolução, enquanto Feijó – dizia ele – “nada tem a perder”. Era muito previdente aquela dama porque Tobias veio com a roupa do corpo, e ela escondeu as suas jóias em segredo. Passaram ambos por bom susto, quando saiu o aviso de 23 de junho, de sequestro, porque em nome de Tobias estavam muitas fazendas no norte e no sul da Província e do país. Mal foi suspensa a lei, e eis que ela em pessoa faz a via dos cartórios, ou com procurações para reaver as propriedades.

Quem mais gastou com a rebelião foi o governo. O povo o sabia, como se vê de uma correspondência fluminense para o Jornal do Comércio: Honório Hermeto Carneiro Leão, presidente da Província, auxiliado por José Clemente Pereira, ministro da Guerra, estava armado de todos os recursos para debelar o movimento. O governo requisitou as três ou quatro barcas a vapor para o transporte de tropas. Financiou todo o movimento de tropas e a formação de batalhões provisórios. Deu carta branca a Monte Alegre para vencer os amotinados. Felizmente havia homens conscienciosos, a começar por Caxias.

É ainda inédita a informação obtida no copiador de ofícios da presidência Monte Alegre a respeito do financiamento da contra-

revolução em Tatuí. Pois o Cap. Antônio Xavier de Freitas recebeu exatos 4:403\$990 pelas despesas que fez com a sua coluna de legalistas, que ameaçou a retaguarda de Tobias. 59\$000 custou a requisição da barca Ipiranga, de Vergueiro e Cia.

No relatório do ministro da Fazenda correspondente a 1842 não se encontra uma palavra acerca do aumento de despesa proveniente da revolta.

É que os gastos ficavam na escrituração das diversas pastas, como despesas ordinárias de movimentação de tropas e dos negócios da Justiça e do Interior. Vivia ainda o Brasil os restos de uma agitação a que estava habituado. Cremos que o total gasto pelo Governo não alcançou 600 contos de réis.

E note-se que houve um saldo: pelo motivo óbvio. Não funcionou o parlamento em 1842.

E para que se confirme o "nihil sub sole novi", nem faltaram os empregados públicos a oferecer parte de suas rendas ao tesouro nacional, subvindo-lhes aos apuros, tanto como velhos oficiais reformados se apresentavam ao governo, mas com os nomes publicados no Jornal do Cruzeiro.